

O TEATRO DO OPRIMIDO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS LUTAS SOCIAIS

FELIPE CREMONINI DE LEON; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA

Universidade Federal de Pelotas – felipecremonini@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas – ftejadadasilveira@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de expor reflexões sobre os movimentos sociais e as contribuições do Teatro do Oprimido (TO), elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. O TO auxilia na conscientização das opressões vividas pelos sujeitos, somando-se junto aos movimentos por conquistas de direitos. Utilizamos como referência para escrita do trabalho as ações desenvolvidas no projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, o TOCO (Teatro do Oprimido na Comunidade).

A cada dia mais tem se falado sobre movimentos sociais, como feminismo, negritude e a luta LGBT, e a visibilidade destas lutas cresce em todas as formas de arte e mídia. A *web-celebridade* Julia Tolezano que fala sobre o poder feminino em seu canal no *YouTube*, a série estadunidense original do canal *Netflix*, *Orange is The New Black*, que levanta questões raciais e feministas e o grupo musical de Goiás, Banda *Uó* formado por dois homens homossexuais e uma mulher transexual, são apenas alguns dos exemplos dessa visibilidade. Mas é correto dizer que isso é o suficiente para dar voz a esses grupos tão marginalizados pela sociedade?

Destacamos alguns dados para ajudar na reflexão sobre o tema: O Brasil é considerado o país que mais mata pessoas transexuais no mundo (Dados da organização não governamental *Transgender Europe* entre 2008 e 2014), o grupo de defesa dos direitos humanos dos homossexuais mais antigo do Brasil, o Grupo Gay da Bahia, revelou em 2013 que um homossexual morre no Brasil a cada 26 horas, em números levantados pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) em 2015, uma mulher é assassinada a cada 2 horas no Brasil, para a população negra os números são ainda mais alarmantes: No mesmo estudo da Flacso, foi revelado que um jovem negro é morto a cada 23 minutos em nosso país. E as mulheres ainda recebem salário 25,6% menor que os homens para os mesmos cargos, de acordo com a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe em 2014, e também levando em consideração o número de jovens homossexuais que são expulsos de casa ao se assumirem para a família, que é o suficiente para existir plataformas online que ajudem esses jovens, como o *Mona Migs*.

De acordo com essas informações, seria inadequado dizer que vivemos em uma sociedade livre de preconceitos e opressões, considerando ainda que muita da visibilidade desses grupos se dá de forma errônea, por exemplo: A série *Orange is The New Black* aborda questões de negritude pela perspectiva da mulher branca, como explica a *blogueira* Stephanie Ribeiro: “O que é ser negro ainda é algo que também é definido por pessoas brancas. Um exemplo são as narrativas Hollywoodianas de sucesso que até contam histórias de pessoas negras, desde que não sejam contadas por pessoas negras.” (RIBEIRO, Stephanie. 2016) e até mesmo tal visibilidade é protagonizada por pessoas que sequer fazem parte do grupo oprimido, como por exemplo, a recente aparição do ator brasileiro Cauã Reymond interpretando uma mulher transexual no videoclipe

da cantora Barbara Ohana: “Onde estão e quando será a vez das atrizes e atores trans do Brasil?” (ÁVILA, Guilherme. 2016).

Mas porque o Teatro do Oprimido tem alguma coisa a ver com essa realidade? Augusto Boal comenta:

“O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recuse a tomar partido – é teatro de luta! É o teatro dos oprimidos, para os oprimidos, sobre os oprimidos e pelos oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se retira o direito a existência plena.” (BOAL, 2013. p. 26)

Baseado na ideia expressa acima por Boal que o projeto TOCO leva para as comunidades da cidade de Pelotas seu teatro e sua luta, visando o desenvolvimento de processos de conscientização do oprimido que faz parte da comunidade, para então poder mudar essa realidade.

2. METODOLOGIA

O projeto TOCO trabalha com uma cena de Teatro-Fórum, uma das vertentes do Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal. O Teatro-Fórum consiste em apresentar uma encenação para o público onde seja possível identificar claramente uma situação de opressão, no confronto o oprimido não consegue mudar a circunstância, e então o público (No Teatro-Fórum chamado de spect-ator, já que ele não é passivo da arte, e sim um interlocutor ativo) é chamado para entrar em cena no lugar do oprimido e tentar solucionar a situação, sem jamais se tornar o opressor. A cena proposta pelo TOCO é uma retratação de uma família tradicional, onde acontece um “jogo de poderes” entre os quatro personagens: O Pai, A Mãe, O Filho e A Filha, onde o pai representa a figura do chefe de família, a mãe tendo que lidar com suas obrigações domésticas e os filhos, ambos homossexuais em segredo, tendo que esconder dos pais essa realidade. A filha ainda tem a missão de começar a seguir os passos da mãe como “cuidadora do lar”.

Desde que entrei no projeto, em Junho de 2016, pude participar de duas apresentações da cena: A primeira no Desafio Pré-Vestibular, um curso coordenado por alunos da Universidade Federal de Pelotas para estudos com o foco na Educação Popular, e a segunda vez foi na Ocupação do Centro de Artes da UFPel, com os alunos ocupantes. É importante dizer que os atores da cena de Teatro-Fórum são rotativos, ou seja: ninguém no projeto tem um papel fixo, podendo todos interpretar qualquer personagem em diferentes apresentações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência no Desafio Pré-Vestibular foi de certa forma, um pouco curiosa, já que se tratava do meu primeiro contato com o trabalho do TOCO e eu não estava em cena, analisava a aplicação do Teatro-Fórum como espectador. A dinâmica foi a mesma que viria a ser usada em todas as apresentações futuras: a cena fixa é apresentada, e depois o público é chamado para intervir como um dos personagens, no trecho de cena que ele preferir. É importante dizer que aqui trabalhávamos com um público de spect-atores majoritariamente mais velhos: pessoas na faixa dos 40 anos. As discussões foram sobre o que é o conceito de

“família tradicional brasileira” nos dias atuais, e se hoje é mais fácil um filho homossexual ser aceito pela sua família.

O público, por ser mais velho que a maioria dos aplicadores da cena, trouxe vários exemplos de suas vivências passadas e afirmam que sim, hoje um filho homossexual é mais aceito pela família do que na época em que eles eram jovens, mas que temos muito que avançar nesse sentido, já que ainda é comum um filho ser expulso de casa por se assumir gay, e a homossexualidade ainda é vista como algo fora dos padrões. Algumas mulheres também trouxeram relatos de opressões que sofriam em casa, tanto pelos seus maridos como pelos seus filhos, a frase “é bem assim como vocês mostraram” foi ouvida várias vezes durante a discussão.

A apresentação durante a ocupação do Centro de Artes da UFPel, além de ser um pouco mais delicada – um movimento de ocupação é sempre carregado com muito estresse, foi minha primeira experiência dentro de cena. E aqui podemos analisar algumas coisas: Um grupo de pessoas que está em ocupação está fazendo política, tem uma ideologia mais aberta e logo, mais próxima de Augusto Boal e sua obra.

No momento que os spect-atores entrarem em cena na ocupação do Cearte, foram todos destinados a dar voz às mulheres da encenação, questionar o porquê das tarefas domésticas ser uma responsabilidade feminina e posicionar-se contra um discurso que dita que ela não é boa para trabalhar. Um dos spect-atores inclusive, decidiu fazer a personagem da Mãe sair de casa e levar os filhos consigo. O mais interessante dessa experiência foi a discussão pós-intervenção dos spect-atores: vários relatos pessoais surgiram e foram desde uma rejeição que sofreram pela família, passando por opressões machistas dentro de casa até alguém que abandonou sua família por causa de opressões.

4. CONCLUSÕES

Foi exposto neste trabalho que existe uma classe denominada “oprimida” que não goza dos mesmos direitos da “sociedade convencional” e ainda sofre repressões e medos por simplesmente existir. Também foi apresentado o posicionamento de Augusto Boal, o criador do teatro do oprimido, com essa situação: É um teatro para dar voz a esses oprimidos. E ainda foram citadas experiências com projeto TOCO da UFPel como uma visão prática desse estudo de Boal.

Mas o Teatro do Oprimido é a solução para acabar com a marginalização desses indivíduos? Não. O Teatro do Oprimido tem a intenção de abrir espaço para as pessoas falarem e fazê-las conscientes de sua situação de oprimidas, mas não é uma solução imediata. No Teatro-Fórum, por exemplo, a atitude dos spect-atores de se posicionarem contra as opressões, mesmo que em cena, já ajuda para que eles possam, no tempo cênico ter uma experiência que os motive para ter o mesmo posicionamento na vida real. “O teatro deve ser um ensaio para a ação na vida, e não um fim em si mesmo” (BOAL, 2013. p. 18).

Desta forma, o Teatro do Oprimido surge como uma ferramenta que contribui no processo de empoderamento desses oprimidos, para que eles possam voluntariamente se posicionar contra situações de opressão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Redação. **Com 600 mortes nos últimos seis anos, Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais**. Catraca Livre, 05 mai. 2016. Cidadania. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/com-600-mortes-nos-ultimos-seis-anos-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais/>

RIBEIRO, S. **Orange Is The New Black: Quando nem tudo será sobre pessoas brancas?**. HuffBrasil Post, São Paulo, 30 jun. 2016. Blog. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/stephanie-ribeiro/orange-is-the-new-black-q_b_10742732.html

Um jovem negro é morto a cada 23 minutos no Brasil. O Hoje.com, 06 jul. 2016. Cidades. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.ohoje.com.br/noticia/cidades/n/120899/t/um-jovem-negro-e-morto-a-cada-23-minutos-no-brasil>

MATINS, I. **Uma mulher é morta a cada 2 horas no Brasil**. Exame.com, 09 nov. 2015. Brasil. Online. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/morte-de-mulheres-negras-no-brasil-avanca-54-em-dez-anos-aponta-estudo>

AFONSO, J. **Brasil tem uma morte de homossexual a cada 26 horas, diz estudo**. Uol Notícias, Rio de Janeiro, 10 jan. 2013. Cotidiano. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/10/brasil-e-pais-com-maior-numero-de-assassinatos-de-homossexuais-uma-morte-a-cada-26-horas-diz-estudo.htm>

ÁVILA, G. **Cauã Reymond é alvo de protestos de ativistas após viver transexual**. OTempo, 22 jun. 2016. Diversão. Acessado em 18 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/cau%C3%A3-reymond-%C3%A9-alvo-de-protestos-de-ativistas-ap%C3%B3s-viver-transexual-1.1327117>

O Globo. **Diferença salarial entre homens e mulheres ainda persiste**. O Globo, Brasília, 08 mar. 2016. Economia. Acessado em 24 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/diferenca-salarial-entre-homens-mulheres-ainda-persiste-18832252>

Villela, S. **Plataforma online ajuda homossexuais expulsos de casa a encontrar um lar**. Agência Brasil, Recife, 15 mai. 2016. Direitos Humanos. Acessado em 24 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/plataforma-online-ajuda-homossexuais-encontrar-lar>